

# O CLUBE FARROUPILHA E AS “FAKE HISTORIES”: CONTRIBUIÇÕES PARA UM DEBATE AINDA INCIPIENTE

Data de aceite: 03/06/2024

### Marcelo Noriega Pires

Doutorando em História pelo PPGH-UFSM. Bolsista Capes-DS. Professor da Rede Estadual do Rio Grande do Sul

**RESUMO:** O tema deste artigo é a relação da *think tank* Clube Farroupilha (CF), atuante em Santa Maria - RS, com a produção e disseminação da chamada *fake history*. Este trabalho tem como objetivo demonstrar como tem se dado esta relação desde a fundação do referido grupo, na esteira dos acontecimentos chamados como Jornadas de Junho de 2013, até sua atuação no referido município abrangendo paralelamente também a influência recebida pelos debates estadunidenses e brasileiros sobre temas como a própria *fake history* e a pós-verdade. Como principais resultados temos a questão de que o Clube Farroupilha aparentemente se consolidou como grupo atuante na política local, tanto com forte influência dos debates internacionais quanto também das práticas da extrema-direita estadunidense. Como conclusão deste trabalho tem-se que é necessário o aprofundamento do debate tanto sobre a atuação das *think tanks* vinculadas

a projetos ultraliberais como também sobre a influência da *fake history* seja na sociedade como um todo, seja também para o conhecimento historiográfico. Por fim, se discute a importância do professor de história nesta realidade de descrédito da própria ciência histórica.

**PALAVRAS-CHAVE:** fake history, *think tank*, Clube Farroupilha.

### CLUBE FARROUPILHA AND “FAKE HISTORIES”: CONTRIBUTIONS TO A STILL INCIPIENT DISCUSSION

**ABSTRACT:** The theme of this article is the relationship between the think tank Clube Farroupilha (CF), active in Santa Maria - RS, and the production and dissemination of so-called fake history. This work aims to demonstrate how this relationship has occurred since the founding of the aforementioned group, in the wake of the events called Jornadas de Junho de 2013, until its performance in the aforementioned municipality, also encompassing the influence received by American and Brazilian debates on topics such as fake history itself and post-truth. The main results include the fact that Clube Farroupilha has apparently consolidated itself as an active group in local

politics, both with a strong influence from international debates and also from the practices of the American extreme right. As a conclusion of this work, it is necessary to deepen the debate both on the performance of think tanks linked to ultraliberal projects and also on the influence of fake history, whether on society as a whole, or also on historiographical knowledge. Finally, the importance of the history teacher in this reality of discrediting historical science itself is discussed.

**KEYWORDS:** fake history, think tank, Clube Farroupilha.

## O QUE É O CLUBE FARROUPILHA

O Clube Farroupilha (CF) surgiu formalmente no ano de 2013 fortemente pelas Jornadas de Junho de 2013 no Brasil. Sendo assim, é necessário se definir o que foram as referidas jornadas. Em junho de 2013 o Brasil presenciou uma série de manifestações de grande escala que influíram de maneira muito sensível na sociedade brasileira como um todo, onde agentes políticos como as *think tanks* ganharam uma relevância político até então nunca por eles experimentada. Passados mais precisamente dez anos da ocorrência das Jornadas de Junho talvez hoje tenhamos condições de alcançar uma compreensão maior dos fatos e das suas consequências para a política brasileira.

Primeiramente é necessário que delimitemos alguns pontos sobre o que foram as chamadas “Jornadas de Junho de 2013”, de acordo com Rouseff (2023, p. 7):

Na condição de presidenta da República, coube-me a missão de compreender aqueles fatos e agir com rapidez. Estava claro que se tratava de uma duríssima disputa, entre os dois grandes blocos que se confrontam pelo destino de nosso país. Estarrecidos pela eclosão das manifestações, de origem fortemente espontânea e localizada, esses dois campos passaram a atuar para influir sobre a voz das ruas e atraí-la para o fortalecimento de seus projetos.

O relato da então mandatária da nação é de extrema validade para se compreender como que o governo federal lidou com uma situação até então considerada inesperada. Manifestações que se iniciaram no referido mês questionavam o aumento das tarifas de ônibus urbano em diversas capitais estaduais, de acordo com Altman (2023, p. 86) essas manifestações no período de 6 até 13 de junho de 2013 praticamente estavam restritas à cidade de São Paulo e se concentravam sob a bandeira contra o aumento de vinte centavos na tarifa de ônibus urbano, coordenadas pelo Movimento Passe Livre (MPL). Então como que manifestações que se originaram de uma pauta específica ganharam tanta força a ponto de se constituírem como um grande desafio ao governo federal liderado pelo Partido dos Trabalhadores?

Para se tentar responder a esta pergunta é necessário em um primeiro momento se definir quais são os dois grandes blocos aos quais Dilma Rouseff se refere. Para tal é preciso se utilizar do “arsenal marxista” para se definir conceitos fundamentais a esta tão importante definição. Um conceito que merece destaque é o conceito de luta de classes,

de acordo com Marx e Engels (2010, p. 41): “a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes”. Temos desde os primórdios daquilo que definimos como civilização a luta de classes, seja nas mais diferentes formas de antagonismo entre explorados e exploradores.

No capitalismo a luta de classes se configura na dicotomia entre capital e trabalho, personificada respectivamente nas duas classes sociais surgidas desde então: burguesia e proletariado. Evidentemente que o capitalismo passou por transformações ao longo dos séculos e a luta de classes não seja tão evidente como se aparentava ser na sociedade do século XIX analisada por Marx e Engels, o que de maneira alguma invalida as suas percepções, mas nos coloca desafios inerentes ao nosso tempo.

De acordo com Losurdo (2015, p. 63-64), através da teoria da luta de classes os seguintes pontos: uma teoria geral do conflito social, a colocação do conflito social no terreno da história e a consideração das multiplicidades das formas com os quais o conflito social se manifesta. Temos, portanto, uma contribuição que nos ajuda a compreender a validade e atualidade das contribuições de Marx e Engels no que diz respeito ao conceito de luta de classes tão importante para se compreender o nosso objeto de estudo.

Partimos então do pressuposto que tivemos em junho de 2013 uma maior concretude visível da luta de classes e que dois grupos estavam claramente disputando os rumos da sociedade brasileira, certamente nos falta agora definir quais seriam exatamente estes grupos. Levando em conta das questões da multiplicidade das formas com que a luta de classes se materializam e também da própria configuração dos governos federais liderados pelo Partido dos Trabalhadores em uma coalização que primava pela conciliação de classes envolvendo inclusive desde trabalhadores organizados ou não em movimentos sociais até setores da burguesia brasileira<sup>1</sup> que viam o governo como apoiador e até indutor de seus negócios.

Podemos dizer então que os dois blocos seriam basicamente os apoiadores do governo federal liderado pelo PT e uma gama bastante diversificada de grupos desde religiosos, militares e defensores do liberalismo que tomaram a frente das Jornadas de Junho de 2013 transformando-as em grandes manifestações de protesto contra o governo da então Presidenta Dilma Rousseff. Vale destacar que mesmo com as Jornadas de Junho de 2013, Dilma ainda conseguiu vencer as eleições de 2014. Todavia seu segundo governo já estava enfraquecido culminando naquilo que defendemos como sendo o Golpe de 2016 que colocou fim ao seu governo.

Como mencionado anteriormente temos o fortalecimento das chamadas *think tanks* que de acordo com Rocha (2021) estas organizações, sejam elas nomeadas de institutos, clubes ou mesmo movimentos, estão presentes no Brasil desde o início da década de

---

1 Boito Jr. (2018) define que os governos federais liderados pelo PT formaram uma Frente Política Neodesenvolvimentista formada pelo por classes e frações de classes que por vezes teriam interesses antagônicos na própria luta de classes e por isso exerceram diferentes formas de influência e se envolveram, ou não, em diferentes níveis na defesa do Governo Dilma Rousseff.

1990. Entretanto a sua relevância aumentou sensivelmente, tendo as Jornadas de Junho de 2013 um papel decisivo neste fortalecimento, o que justifica o fato de se constituírem como parte do objeto de estudo deste trabalho.

Entretanto, a questão principal deste artigo é relacionar a atuação do CF com a questão das *fakes histories*, o que invariavelmente demanda definições importantes que vão desde a própria definição de *think tanks*, sua atuação na busca por influência no estado e o uso das *fakes histories* e sua consequente divulgação.

## SERIA O CLUBE FARROUPILHA UMA *THINK TANK*?

O primeiro ponto para se tentar responder a esta pergunta é buscar uma definição sobre o que seriam esses “tanques de informação/pensamento”. A tradução literal que utilizamos já demonstra uma posição clara e evidente na batalha das ideias. O que nos ajuda a partir para uma definição sobre a função social de organizações que surgiram no Brasil nas últimas décadas e que vem ganhando importância na sociedade brasileira principalmente após as Jornadas de Junho de 2013, vide o exemplo do Movimento Brasil Livre (MBL) criado inicialmente como uma espécie de trocadilho do Movimento Passe Livre (MPL) e que atualmente chega a apresentar pré-candidatura<sup>2</sup> à prefeitura de São Paulo mesmo não sendo formalmente um partido político.

O Clube Farroupilha também tem a sua presença na institucionalidade tanto na Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria bem como também até 2022 possuía um Deputado Estadual ligado à organização. O que demonstra que mesmo com o discurso de defesa do liberalismo as *think tanks* não deixam de disputar os rumos da institucionalidade e que de certa forma não causa estranheza se levarmos em conta os pioneiros IPÊS (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais) e IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática)<sup>3</sup> que financiaram diversas campanhas políticas durante a década de 1960 e também tiveram papel de destaque no Golpe Civil-Militar de 1964.

Tendo em vista esta relação a institucionalidade tanto das *think tanks* pioneiras no Brasil quanto de uma das mais destacadas como MBL é possível se notar uma certa semelhança entre estas e o Clube Farroupilha no sentido da busca por inserção na sociedade. De acordo com o Instituto Millenium<sup>4</sup>, considerado por Pastore (2012) como um herdeiro do IPES e do IBAD, podemos definir o conceito de *think tank* da seguinte forma:

---

2 Portal G1. **União Brasil sofre pressão por chapa própria após MBL escolher Kim Kataguirí como pré-candidato à Prefeitura de SP.** Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/07/07/uniao-brasil-sofre-pressao-por-chapa-propria-apos-mbl-escolher-kim-kataguiri-como-pre-candidato-a-prefeitura-de-sp.ghtml>. Acesso em: 17 nov. 2023.

3 OLIVEIRA, Carlos Fellippe de. **IPÊS E IBAD: A crise política da década de 60 e o advento do Golpe Civil-Militar de 1964.** *Revista de História Comparada*. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, n° 2. 2008.

4 INSTITUTO MILLENIUM. **O que significa um think tank no Brasil de hoje.** Disponível em: <https://institutomillennium.org.br/o-que-significa-um-think-tank-no-brasil-de-hoje/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

O conceito de *think tank* faz referência a uma instituição dedicada a produzir e difundir conhecimentos e estratégias sobre assuntos vitais – sejam eles políticos, econômicos ou científicos. Assuntos sobre os quais, nas suas instâncias habituais de elaboração (estados, associações de classe, empresas ou universidades), os cidadãos não encontram facilmente insumos para pensar a realidade de forma inovadora. Os *think tanks*, portanto, não fazem o menor sentido em sociedades tradicionais, onde os problemas e as soluções são sempre os mesmos por definição. Nas sociedades modernas e cada vez mais complexa, porém, há a necessidade de espaços que reúnam pessoas de destaque, com autonomia suficiente para se atreverem a contestar criativamente as tendências dominantes, especialmente quando elas se tornam anacrônicas.

Esta definição é bem clara ao mostrar o posicionamento de enfrentamento destas organizações em relação a um considerado *establishment*, que autores como Mises que definem a sociedade atual como vivendo, de acordo com Rocha (2021), em uma “hegemonia cultural esquerdista”. Quando falamos em Ludwig Von Mises estamos falando em um dos referenciais mais caros ao Clube Farroupilha, presente no blog da referida instituição em diferentes textos que debatem desde história, economia e cultura.

Engana-se, porém, que pensa que as *think tanks* estão longe de terem influência no próprio Governo Federal. Uma pesquisa na página oficial da ENAP (Escola Nacional de Administração Pública) nos mostra que o debate sobre inovação no setor público já conta com sensível influência dos “tanques de pensamento”, vide o seguinte trecho<sup>5</sup>:

Think tanks são instituições que desempenham um papel de advocacy para políticas públicas, além de terem a capacidade de explicar, mobilizar e articular os atores. Atuam em diversas áreas, como segurança internacional, globalização, governança, economia internacional, questões ambientais, informação e sociedade, redução de desigualdades e saúde. Produzem pesquisas, análises e recomendações que contribuem para um ambiente de conhecimento, permitindo, inclusive, que os formadores de políticas públicas tenham ferramentas para tomar decisões mais embasadas, além de ter um papel importante na disseminação de conhecimento à sociedade.

Fica evidente a influência no setor público influenciando as políticas públicas e se colocando para fazer o papel que o estado não consegue desempenhar. O discurso de uma sociedade mais complexa e com desafios que não podem ser resolvidos pelo estado “desatualizado em engessado” é uma realidade nas *think tanks* e o Clube Farroupilha não seria diferente<sup>6</sup>:

---

5 ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (ENAP). **Afinal, o que é um think tank e qual é a sua importância para políticas públicas no Brasil?** Disponível em: <https://enap.gov.br/pt/acontece/noticias/afinal-o-que-e-um-think-tank-e-qual-e-a-sua-importancia-para-politicas-publicas-no-brasil>. Acesso em: 17 nov. 2023.

6 CLUBE FARROUPILHA. **O Estado como organização social detentora do monopólio da coerção.** Disponível em: <https://www.clubefarroupilha.com.br/o-estado-como-organizacao-social-detentora-do-monopolio-da-coercao/>. Acesso em: 17 nov. 2023. .

Logo, o fato dessa população se satisfazer com migalhas acarreta a formação de uma vultosa bola de neve, tendo em vista que desencadeia uma série de comodismos: o Estado dá o peixe, mas não ensina a pescar. Isso significa que, ao sustentar a narrativa do bem-comum, criam-se políticas públicas em forma de assistencialismo, as quais são causa de inépcia aos cidadãos, assolando a capacidade de desenvolverem quaisquer predisposições e aptidões para a tomada de iniciativas para que atinjam o desenvolvimento econômico e enquanto seres humanos.

Neste trecho temos uma importante contribuição para se compreender a relação entre organizações aqui estudadas e a sua visão de que o estado não deve investir recursos em políticas de redistribuição de renda, pois estaria criando uma dependência do cidadão em relação ao estado e impedindo o seu próprio desenvolvimento e busca por autonomia.

Percebemos que a relação do liberalismo em sua vertente mais radical, o neoliberalismo, com o estado é de extrema importância para se compreender as concepções ideológicas do Clube Farroupilha. O que torna de extrema importância que compreendamos que o próprio surgimento desta organização faz parte de um processo muito mais amplo de atual ofensiva neoliberal que tem como característica fundamental o papel do estado como guardião do direito privado, provando assim a tese de Cláudio Katz (2016) que divide os pensadores neoliberais em ortodoxos e convencionais. Os primeiros tidos como mais autênticos e defensores do papel de não intervenção do estado na economia e os últimos como defensores do papel do estado quando necessário para defender interesses da iniciativa privada, como a implementação do viés empresarial na gestão pública. O segundo tipo é sem dúvida o que representa a atuação das *think tanks*.

Já Pierre Dardot e Christian Laval (2016) ao analisarem as contribuições de Friedrich Hayek para o ideário neoliberal realçam sua relação com um papel autoritário que permita que as suas concepções sejam colocadas em prática, sendo extremamente válida a opção pelo estado forte no sentido de garantir os interesses dos capitalistas em detrimento da democracia. Alerta que nos diz muito sobre as possibilidades e potencialidades do desenvolvimento de pesquisa mais detalhada sobre organizações como o Clube Farroupilha.

Outro ponto que caracteriza a atuação das *think tanks* é uma ampla e constante presença nos meios virtuais, que possibilitam o acesso gratuito aos seus materiais de divulgação e propaganda. O Instituto Mises Brasil, site recomendado pelo CF, disponibiliza de maneira completamente livre de custos obras de seus autores referência, o que certamente contribui muito para a sua disseminação de ideias. O debate sobre o valor da informação é de extrema importância para se compreender a questão do papel das *think tanks* na disputa da sociedade, sendo necessário se compreender como as mesmas atuam no ponto de vista virtual. De acordo com Rocha (2021, p. 94) temos a presença de comunidades de discussão com expressivo número de membros desde a popularização do Orkut que ocorreu por volta do ano de 2006. Sendo assim, temos a seguinte contribuição da autora em questão:

Em pouco tempo os frequentadores das tais comunidades passaram a perceber que todos defendiam uma versão do capitalismo de livre mercado muito mais radical do que o neoliberalismo. Nas palavras do carioca Bernardo Santoro, outro ativo frequentador dos debates no Orkut: “A gente foi discutindo e alguém virou e rapidamente viu que todo mundo ali era muito radical, todo mundo ali era mais libertário do que liberal propriamente dito”. Foi justamente esta radicalidade que motivou os debatedores a eleger como seu principal símbolo o economista austríaco Ludwig Von Mises, tido como o defensor mais radical do capitalismo de livre mercado. No Brasil, a referência ao legado do economista costuma vir acompanhada da defesa de ideias sintetizadas em motes como “imposto é roubo”, “não existe almoço grátis”, “privatiza tudo!”, e “menos Marx, mais Mises”. (ROCHA, 2021, p.101).

Como este trecho aborda a atuação dos grupos ultraliberais ainda nos anos de 2006 e 2007, quando estes não tinham visibilidade política para além de seus grupos em redes sociais ainda não é possível notar a grande incongruência que se coloca ao se definirem como libertários, principalmente no que diz respeito a serem contra a própria existência do estado, e hoje termos representantes das *think tanks* tanto em cargos eletivos bem como também pretendendo gerir o estado. Sobre a questão desta contradição contida no discurso destas organizações de maneira geral, temos a contribuição de Messemberg (2019, p. 208-209):

Interessante examinar, no discurso desses agentes sociais, a convivência de elementos claramente contraditórios aos princípios neoliberais que defendem. São ferozes partidários do Estado mínimo, porém, pressionam de todas as formas o Estado a criar situações de concorrência e a incentivar modelos de comportamento que direcionem a conduta dos indivíduos no sentido de transformá-los em consumidores e empreendedores. Propagandeiam a defesa do livre mercado numa economia global, mas recorrem constantemente ao discurso de salvação da pátria. Pregam a livre iniciativa, embora não reconheçam direitos individuais básicos.

A autora vai mais além ao abordar a relação do neoliberalismo com a democracia utilizando da contribuição de Dardot e Laval (2016) que analisam o antidemocratismo na “razão do mundo” neoliberal, onde o individualismo é visto como única possibilidade de atuação do sujeito que adquire a formatação de sujeito neoliberal.

Temos agora condições de responder à pergunta deste trecho se o CF seria ou não uma *think tank* acreditamos que sim, tanto no seu *modus operandi* bem como também nas suas contradições em relação ao estado. A *think tank* surgiu após as Jornadas de Junho de 2013 na esteira de outros movimentos e organizações com atuação e penetração social fortalecida pelos movimentos em questão. Por isso, o seu estudo nos serve não só para compreender elementos relativos à política local, mas também em relação à política nacional e as formas de agir da direita que emergiu após aquele junho que teima em nos desafiar.

## DEFINIÇÃO DE *FAKE HISTORY* E A RELAÇÃO COM A PÓS-VERDADE

Depois de termos buscado uma definição sobre o CF é necessário que busquemos definição sobre o que é a *fake history*, para quem sabe assim possamos compreender se a referida *think tank* faz ou não uso destes tipos de subterfúgios. De acordo com seguinte contribuição de ZOGLAUER (2023, p. 3), temos:

People want to be entertained. Rumors, sensational news and fictional stories are more exciting and entertaining than political news. They fulfill the expectations of the listeners or readers (Bernal 2018, p. 239 f.). Fake news appeals to emotions and instincts. Conspiracy theories divide the world into good and evil and reveal the alleged culprits for the evils of this world. Rumors are readily retold and spread rapidly throughout the world via social media. Internet users want to hear opinions that confirm their own worldview (Tewksbury and Rittenberg 2012, p. 86). As a result, media users no longer receive the entire spectrum of news and opinions, but focus on specific sites and topics or limit themselves to specialized topics and news portals that serve their interests. Consequently, the field of vision narrows. Fragmentation and specialization of knowledge can therefore be expected to lead to less comprehensive knowledge (Tewksbury and Rittenberg 2012, p. 127). Commonalities dwindle, differences increase, and clashes of opinion intensify. A general consensus on social and political issues is lost. Each group retreats into its own media niche.

Por esta passagem fica bem evidente que não existe a intenção pela busca de consensos sociais e políticos que abranjam a sociedade como um todo e sim preocupação de se justificar discursos e práticas de um grupo visando através da desconstrução do outro espalhar sua proposta política. Nesta primeira contribuição temos também a questão do uso do apelo às emoções e aos instintos do receptor da mensagem para se criar um ambiente de enfrentamento do “bem” contra o “mal”. Esta visão maniqueísta de se tentar criar um ambiente onde um grupo de “paladinos justicheiros” luta contra um sistema injusto e opressor é uma das características mais latentes da *fake history*.

Outro ponto primordial para se definir *fake history* é se compreender o conceito de pós-verdade. De acordo com Siebert e Pereira (2020, p. 240):

Propomos pensar o termo pós-verdade a partir de sua divulgação como a palavra do ano do Dicionário Oxford, como um termo que, nos moldes de On a gagné, enuncia um novo acontecimento. Em seu verbete, o dicionário Oxford (MIDGLEY, 2016) descreve Pós-Verdade como um adjetivo relacionado a circunstâncias em que os fatos influenciam menos a opinião pública do que apelos à emoção ou às crenças pessoais. Nos jornais de grande circulação, sua publicação passou a ser recorrente em notícias para significar eventos ligados ao debate político. Os fatos, a comprovação de dados e estatísticas teriam pouca influência na formulação do sentido e na interpretação dos leitores e de eleitores.

Notamos mais uma vez a referência aos sentimentos pessoais e reafirmações da visão de mundo individuais em detrimento do fato socialmente referendado. Todavia a pós-verdade não existiria se não conseguisse exatamente dialogar com um público que talvez se sinta à vontade em receber este tipo de informação apresentada como conhecimento. De acordo com Kalpokas (2019, p. 22):

Post-truth political narratives (just like 'ordinary' political narratives) would be irrelevant without groups of supporters or, at least, affiliated individuals. However, since post-truth narratives do not enjoy fixed anchoring points, being a form of escapist fiction instead, social affirmation and collective belief acquire paramount importance: if post-truth narratives are true through their own effects, they are true as long as, and only as long as, they are capable of producing such effects. As McGranahan (2017: 243) suggests in her analysis of Donald Trump's campaign discourse, in a post-truth environment, 'affiliative truths' take hold whereby audiences respond in ways that are 'both affective and social in creating communities of both supporters and protesters'. The result is, then, production of a 'shared persona' that transcends traditional (e.g. location or class-based) identities (Marshall and Henderson 2016: 14). The same shared nature applies to knowledge, which is usually more collective than commonly thought. As Sloman and Fernbach (2017) demonstrate, very little information about the environment is actually stored by individuals themselves—instead, it resides in the collective mind and is shared among individuals. To that effect, all knowledge is communal and, once coupled with a mobilising 'us' and 'them' twist, affiliative.

Essas verdades afiliativas são elemento essencial para a propagação das pós-verdades de maneira com que não se pode pensar a própria existência da *fake history* sem as mesmas. Podemos então fazer a seguinte afirmação: a pós-verdade é um elemento constituinte da *fake history*, ou seja, temos um processo de construção e divulgação de projetos políticos que desmerecem o próprio conhecimento científico alimentado pelas pós-verdades.

## ALGUNS CASOS DE FAKE HISTORY NO SITE DO CLUBE FARROUPILHA.

Começaremos este trecho analisando a postagem de 21 de março de 2021 intitulada: "Como o politicamente correto se tornou religião". Por estar no setor de textos sobre história do site do referido grupo temos uma retrospectiva histórica, por mais questionáveis que sejam os termos apresentados no texto em análise, de como que teria ocorrido o processo de dominação daquilo que a *think tank* em questão define como a sacralização do "politicamente correto". A análise do seguinte trecho se torna de importância vital para que possamos compreender os argumentos apresentados no texto:

Não há diferenças. Assim como um hindu não convive com uma pessoa impura por medo de se contaminar, os defensores do politicamente correto não suportam conviver com quem não se submete a seus ideais, pois também possuem um certo medo de contaminação, como eles frequentemente dizem, "se tem 4 pessoas sentadas em uma mesa e 3 são racistas, então tem 4 racistas na mesa". O contrário também se observa, no hinduísmo pessoas "mais puras", como os sacerdotes brâmanes, são admiradas e respeitadas, na religião secular ocidental, os mais puros ganham o rótulo de "fada sensata", sendo respeitados e de modo semelhante aos sacerdotes ganha certo poder de ditar normas e aconselhar os membros do culto.

Pela leitura deste trecho fica bem evidente uma tentativa de se atribuir aos defensores do “politicamente correto” uma postura de intolerância por não aceitar, por exemplo, o “direito” de alguém ser racista. Além disso, fica bem evidente também a ofensa clara e deliberada à religião hindu, a apresentando como intolerante. Não temos aqui a intenção de avaliar a religião citada no texto em questão, tanto por desconhecimento total de causa e principalmente por não se tratar do objetivo deste texto.

Outro ponto que deve ser considerado é uma pequena “alteração” no ditado citado neste trecho, convencionalmente temos a expressão quatro nazistas e não quatro racistas. Talvez possamos especular que houve algum tipo de suavização no termo? Certamente não podemos afirmar que sim e nem que não, mas fica a questão para as reflexões que talvez este artigo possa vir a suscitar.

No decorrer do texto em análise temos questionamentos que equiparam a profanação de símbolos religiosos cristãos com a queima de bandeira do Movimento LGBT, o que resultaria em revolta dos membros das duas “religiões”. Fica aqui a pergunta, por qual motivo alguém realizaria qualquer um dos atos? E por que o texto em questão justificaria a queima da referida bandeira? Apenas para se combater aquilo que o autor, curiosamente não identificado, considera como “religião do politicamente correto”.

Entretanto a defesa de práticas opressoras vai ainda um pouco mais adiante no decorrer do texto em questão. Temos:

Talvez a única diferença entre o politicamente correto e as demais crenças seja: as religiões tradicionais toleram-se mutuamente, enquanto o politicamente correto tenta se impor por meio do governo de tal forma que, atualmente, é completamente possível fazer uma piada com cristãos ou hindus, mas se você ousar zombar das pautas “progressistas” facilmente terá de pagar uma multa ou até será preso por machismo, racismo, homofobia, transfobia... etc.

Novamente temos a defesa do “direito” de oprimir determinados grupos, comemorando o direito de zombar de adeptos de religiões e lamentando fato de não poder fazer o mesmo com demais grupos. Outro ponto que merece a nossa análise é a questão de se afirmar que vivemos uma realidade de tolerância religiosa onde as religiões tradicionais se toleram mutuamente. O autor entidade do texto não definiu o que para ele seriam as religiões tradicionais, mas nos arriscamos a dizer que certamente judaísmo e islamismo devem entrar nesta classificação. Sendo assim, é público e notório os conflitos árabes-israelenses que tem se acirrado muito no decorrer do século XX e mais precisamente no século XXI, o que demonstra uma desconsideração da realidade concreta típica da *fake history*.

Outro ponto inerente à *fake history* é o apelo ao emocional que visa a construção e justificação de grupo de “paladinos contra o sistema”, o que fica bem claro no parágrafo final do texto em análise:

Felizmente, muitas pessoas têm percebido esse autoritarismo inerente ao movimento politicamente correto o rejeitando e percebendo que esse conjunto de ideias ganha força por parecer ter a verdade suprema e parecer ser hegemônico, mas quanto menos pessoas se curvarem a ele menos força terá, dessa forma, o segredo para acabar com tal movimento autoritário reside na frase do psicólogo canadense Jordan Peterson “Nunca abaixe a cabeça para a multidão e nunca peça desculpas por estar certo”.

Se fossemos realizar um *checklist* daquilo que podemos classificar como *fake history* este texto certamente atingiria todos os seus aspectos principais, o que nos resta descobrir é até que ponto estamos debatendo se tratar de um *modus operandi* da *think tank* em estudo ou de uma exceção. Para tal é necessário pelo menos esboçar este *checklist* para que possamos analisar outro texto presente no site do Clube Farroupilha. Sendo assim, temos o seguinte esboço:

1. Linguagem simples e direta, com textos pouco extensos;
2. Desconsideração do conhecimento histórico através do uso, por vezes de discurso pseudocientífico;
3. Uso, por vezes, da vitimização ou auto vitimização das ideias defendidas pelo grupo ou organização;
4. Construção falseada de narrativa histórica, estabelecendo ao seu antagonista o papel de ser o “sistema” a ser combatido;
5. Apelo ao sentimentalismo e ao individualismo para a construção e justificação de seu grupo e ideais.

Depois deste esboço escolheremos o texto intitulado: “A verdade sobre o patrono da educação brasileira – Paulo Freire”, publicado no site da *think tank* em 08 de fevereiro de 2023. Já pelo título é possível notar um forte apelo emocional, ao demonstrar a “verdade” sobre um pensador muito citado quando se fala em educação no Brasil. Esse discurso legitimador serve muito bem aos grupos que se definem como antissistema e, portanto, como portadores de uma verdade desconhecida da grande maioria das pessoas.

Analisando mais precisamente o texto em questão temos uma linguagem simples e direta com parágrafos compostos por poucas linhas e sem discussões acadêmicas que aprofundem a tal verdade sobre o célebre educador, o que certamente transforma a leitura deste texto em uma tarefa que necessite de poucos minutos por parte de quem acompanha a atuação da *think tank* tendo em vista a repetição de jargões comuns ao ideário destas organizações.

Quando se refere ao discurso pseudocientífico temos alguns pontos a serem destacados, o primeiro é colocar Paulo Freire como expressão da pedagogia crítica<sup>7</sup>, o que nos mostra a superficialidade desta análise tendo em vista que qualquer pesquisa um pouco mais aprofundada mostra que o educador em questão foi o maior expoente

---

7 Podemos convencionalmente chamar de pedagogia crítica diferentes tradições pedagógicas que se colocam contra a chamada pedagogia liberal ligada diretamente aos interesses do capital.

da pedagogia libertadora. Porém o discurso pseudocientífico vai um tanto mais além a realizar afirmações aparentemente complexas sem fazer ao mínimo nem tipo de discussão acadêmica como vemos no trecho a seguir:

A teoria Freiriana, portanto, apresenta como pressuposto a lógica defasada e já refutada do anticapitalismo de Marx, a qual apontava para uma busca constante de hegemonia das classes dominantes através do capital. Aplicando esse pensamento no estudo da pedagogia, Freire entendeu que a educação – a qual ele chamou de bancária –, também é utilizada para manter uma relação de opressores e oprimidos na sociedade. Uma educação problematizadora, por sua vez, seria a responsável pela emancipação da classe oprimida dentro das escolas e universidades por meio do pensamento crítico (o entendimento da condição social de cada estudante).

Além da extrema superficialidade ao analisar a obra de Karl Marx, pois não problematiza as afirmações que seu pensamento estaria defasado e refutado, temos uma grande confusão sobre o papel da escola na sociedade em um momento ela é a responsável por manter o status quo da sociedade capitalista e por outra ela é a responsável pela emancipação dos oprimidos, partindo das escolas para se ganhar a sociedade, o que de acordo com o texto andaria na contramão da diversidade, do diálogo e da liberdade dos alunos e professores!

Outro ponto bem característico daquilo que defendemos com sendo *fake history* é apresentar seu antagonista como sendo o sistema a ser enfrentado e derrotado e também neste ponto o texto em questão não deixa a desejar ao apresentar a pedagogia de Paulo Freire como sendo a grande culpada pelos maus índices educacionais brasileiros, se utilizando de doses de sentimentalismo para tal, o que deliberadamente o texto esquece é que a pedagogia freireana nunca foi hegemônica nos sistemas educacionais brasileiros. Destacamos o último trecho do texto em questão:

Enquanto nosso país continuar romantizando figuras como Paulo Freire, intitulado Patrono da Educação Brasileira, as narrativas retrógradas enraizadas na nossa cultura continuarão vencendo e favorecendo projetos de poder estatizantes da esquerda. Por isso, é fundamental o combate, dentro e fora da sala de aula, das mentiras e equívocos contrários à liberdade individual sustentados por autores como Paulo Freire, que consolidam uma mentalidade vitimista e, principalmente, anticapitalista.

Temos uma conclusão típica de um texto de *fake history*, um chamado para se combater um inimigo responsável por tudo o que segundo a *think tank* seria o grande problema da educação brasileira a mentalidade anticapitalista. Afirmação esta que se esvai com qualquer análise que parta da Lei 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e das legislações que vieram em sua sequência onde a preocupação de se alinhar os sistemas educacionais com os interesses do capital se transformaram cada vez mais em eixos norteadores daqueles que definem as bases e parâmetros da educação brasileira.

Outro texto presente no blog do Clube Farroupilha e que merece a nossa análise é o texto: “A Democracia é realmente o governo povo?<sup>8</sup>”, publicado em 16 de setembro de 2022. Vejamos se o texto obedece aos pontos de análise presente em nosso *checklist* classificando-o ou não como exemplar de *fake history*.

Primeiramente temos um texto de linguagem bem direta e mesmo que faça referência a Platão e filósofo e economista Hans-Hermann Hoppe não há citações diretas e mesmo um debate sobre suas afirmações que são apresentadas como sendo verdades absolutas e inquestionáveis. Desta forma temos a comprovação do primeiro ponto de nosso *checklist*.

Já o segundo ponto do *checklist* elaborado no decorrer desta pesquisa diz respeito ao ponto “Desconsideração do conhecimento histórico através do uso, por vezes de discurso pseudocientífico” que acreditamos estar bastante presente no texto em análise por este estar repleto de afirmações que depreciam a democracia sem de fato problematizar estas afirmações, temos igualmente também a questão do uso de hipóteses apresentadas como se fossem verdades absolutas, o paradoxo da nação que apenas produz feijão e que enfrenta uma realidade de crise de abastecimento conjuntamente com um processo eleitoral é apresentado como sendo algo válido para se questionar a democracia e o eventual populismo presente em campanhas eleitorais desconsidera questões como relações de poder e de produção que devem ser levadas em consideração quando analisamos algo extremamente complexo como a democracia.

O terceiro ponto por sua vez “uso, por vezes, da vitimização ou auto vitimização das ideias defendidas pelo grupo ou organização”, temos a presença de auto vitimização extremamente evidente ao afirmar que a democracia que fala o que o povo quer ouvir. Desta forma temos um claro posicionamento de que quem ousa criticar esta lógica é tido como o errado pela sociedade.

O quarto ponto “construção falseada de narrativa histórica, estabelecendo ao seu antagonista o papel de ser o “sistema” a ser combatido” é bem nítido ao afirmar que a maioria da população quer mesmo o benefício fácil e não possui nenhum tipo de pensamento estratégico para o futuro, merece destaque o fato do texto fazer referência direta ao Brasil como materialização desta realidade.

O quinto e último ponto “apelo ao sentimentalismo e ao individualismo para a construção e justificação de seu grupo e ideais” é exatamente a principal mensagem do texto em questão, pois ao desmerecer a construção coletiva fundamental para a democracia temos exatamente a justificativa da extrema-direita ao considerar a decisão coletiva como algo a ser combatido. Este texto demonstra como que se dá esta relação da extrema-direita no sentido de não aceitar que a maioria da população possa tomar decisões, o que por ventura pode pender para o lado do trabalho em detrimento dos interesses do capital.

---

8 CLUBE FARROUPILHA. **A Democracia é realmente o governo povo?** Disponível em: <https://www.clubefarroupilha.com.br/a-democracia-e-realmente-o-governo-povo%ef%bf%bc/>. Acesso em 18 nov. 2023.

A análise destes três textos para além da verificação do *checklist* elaborado no decorrer desta pesquisa tem bastante validade para a compreensão dos ideais da *think tank* em questão e suas relações com o que é pensado e produzido pela extrema-direita internacional principalmente no que diz respeito à *fake history*.

## CONCLUSÃO

Quando se ousa falar da relação de uma *think tank* com a chamada *fake history* se adentra num ponto extremamente delicado e ainda pouco pesquisado no Brasil. Todavia urge também se pensar em possibilidades de enfrentamento desta prática que antes de tudo desconsidera o conhecimento científico e conseqüentemente a ciência histórica.

Tendo esta questão em vista é necessário se pensar qual deva ser o papel do historiador nesta realidade. Acreditamos que a única proposta historiográfica que nos fornece possibilidades de enfrentamento a esta realidade é a história pública, pois esta tem como fator fundamental a necessidade de não só criticar a realidade a qual estamos vivenciando, mas também a obrigatoriedade de levarmos a ciência histórica para além dos muros das instituições de ensino superior. De acordo com a seguinte passagem temos:

Nesse sentido, a história pública oferece uma plataforma para pensar a História em diferentes espaços de atuação, trazendo a dimensão ética para o centro do debate. A reflexão sobre uma história para/com/ pelos públicos pode, assim, nos ajudar a lembrar do caráter público e compartilhado do conhecimento histórico, desempenhando um papel relevante de provocar “historiadores e historiadoras a refletirem a respeito de seu próprio tempo, sobre a prática historiadora e as implicações do seu métier no mundo social” (Mauad, Santhiago & Borges, 2018, p. 11). Assumindo como tarefa a ampliação dos mercados de trabalho para os historiadores no Brasil, fica a provocação para refletirmos sobre que tipo de atuação profissional para historiadoras e historiadores assumimos como projeto, deixando em aberto: que historiadores (públicos) desejamos? E que mercados almejamos? (FAGUNDES, SARAIVA, MUJLAERT, CASTRO, HERMETO, 2023, p. 23)

O tema do mercado de trabalho do historiador é de extrema relevância para que possamos pensar o combate à *fake history*, principalmente no que se diz respeito às condições materiais para a enfrentar e que desta maneira possam construir não só a resistência a esta forma deliberadamente deturpada da história como também avançar na luta da divulgação do conhecimento historiográfico, aproximando assim este conhecimento das pessoas que estão fora do meio acadêmico. Para isso o historiador como trabalhador precisa igualmente se manter do ponto de vista de suas necessidades básicas e poder focar sua dedicação profissional neste aspecto.

Por fim, temos a questão da *think tank* em questão que nos mostra que mesmo no interior do Rio Grande do Sul temos a presença das mesmas práticas utilizadas nos Estados Unidos o que demonstra uma certa unidade internacional da extrema-direita. Temos a plena convicção da importância de se articular a questão internacional com a

questão local, no caso de Santa Maria – RS objeto de nosso estudo, pois acreditamos na validade da elaboração hegeliana<sup>9</sup> da primazia do todo em relação às partes.

Fazer referência a obra de Georg Hegel significa que mesmo tendo um objeto de estudo voltado para a política local, com suas devidas particularidades, não deixamos de levar em consideração a universalidade da política nacional, que por sua vez também está vinculada com a política internacional. Sinnerbrink (2017, p. 159) ao analisar a concepção de Hegel sobre a interação entre o universal e o singular na formação da subjetividade, afirma se tratar de um reconhecimento mútuo, o que se torna de extrema validade para se analisar os projetos em disputa na sociedade atual vinculando o que acontece em alguma região do país com a realidade nacional e internacional. Tudo isso sem deixar de levar em consideração as especificidades de cada objeto de análise.

Ao longo desta pesquisa podemos perceber que o Clube Farroupilha está diretamente inserido na realidade das *think tanks* que emergiram na política brasileira principalmente após as Jornadas de Junho de 2013. Além disso, temos a comprovação de que estas organizações são disseminadoras de *fake histories* em qualquer parte do mundo, o que nos arrisca a dizer que esta prática está na essência destes grupos. Sendo assim, é necessário se pensar o papel do historiador perante esta realidade, principalmente na imprescindível necessidade de valorização e popularização da ciência histórica.

## REFERÊNCIAS

ALTMAN, Breno. Ruas em transe: a insurgência das camadas médias contra o petismo. In: **Junho de 2013: a rebelião fantasma**. ALTMAN, Breno; CARLOTTO, Maria Caraméz. São Paulo: Boitempo, 2023.

BOITO Jr., Armando. **Reforma e crise política no Brasil**: os conflitos de classes nos governos do PT.

CLUBE FARROUPILHA. **Como o politicamente correto se tornou religião**. Disponível em: <https://www.clubefarroupilha.com.br/o-politicamente-correto-se-tornou-religiao/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

CLUBE FARROUPILHA. A verdade sobre o “Patrono da Educação Brasileira” – Paulo Freire. Disponível em: <https://www.clubefarroupilha.com.br/a-verdade-sobre-o-patrono-da-educacao-brasileira-paulo-freire/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

CLUBE FARROUPILHA. **O Estado como organização social detentora do monopólio da coerção**. Disponível em: <https://www.clubefarroupilha.com.br/o-estado-como-organizacao-social-detentora-do-monopolio-da-coercao/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

CLUBE FARROUPILHA. **A Democracia é realmente o governo povo?** Disponível em: <https://www.clubefarroupilha.com.br/a-democracia-e-realmente-o-governo-povo%ef%bf%bc/>. Acesso em 18 nov. 2023

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

---

9 HEGEL, Georg. **Fenomenologia do Espírito**. Parte I. Petrópolis: Vozes, 1988.

ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (ENAP). Afinal, o que é um think tank e qual é a sua importância para políticas públicas no Brasil? Disponível em: <https://enap.gov.br/pt/acontece/noticias/afinal-o-que-e-um-think-tank-e-qual-e-a-sua-importancia-para-politicas-publicas-no-brasil>. Acesso em: 17 nov. 2023.

HEGEL, Georg. **Fenemologia do Espírito**. Parte I. Petrópolis: Vozes, 1988.

INSTITUTO MILLENIUM. **O que significa um think tank no Brasil de hoje**. Disponível em: <https://institutomillennium.org.br/o-que-significa-um-think-tank-no-brasil-de-hoje/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

KALPOKAS, Ignas. **A Political Theory of Post-Truth**. Cham/Suíça: Palgrave Pivot, 2019.

LOSURDO, Domenico. **A luta de classes: uma história política e filosófica**. São Paulo: Boitempo, 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. In: ROCHA, Camila; SOLANO, Esther (orgs.). **As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

OLIVEIRA, Carlos Fellippe de. IPÊS E IBAD: A crise política da década de 60 e o advento do Golpe Civil-Militar de 1964. **Revista de História Comparada**. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, n° 2. 2008.

PASTORE, Bruna. **Complexo IPES/IBAD, 44 anos depois: Instituto Millenium?** Revista Aurora. Universidade Estadual Paulista. V 5, n°2, p. 57-80, jan/jun. 2012.

Portal G1. **União Brasil sofre pressão por chapa própria após MBL escolher Kim Kataguiri como pré-candidato à Prefeitura de SP**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/07/07/uniao-brasil-sofre-pressao-por-chapa-propria-apos-mbl-escolher-kim-kataguiri-como-pre-candidato-a-prefeitura-de-sp.ghtml>. Acesso em: 17 nov. 2023.

ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil**. São Paulo: Todavia, 2021.

ROUSSEFF, Dilma. Prólogo. In: **Junho de 2013: a rebelião fantasma**. ALTMAN, Breno; CARLOTTO, Maria Caraméz. São Paulo: Boitempo, 2023.

SIEBERT, Silvânia; PEREIRA, Israel Vieira. **A pós-verdade como acontecimento discursivo**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 20, n. 2, p. 239-249, maio/ago. 2020.

SINNERBRINK, Robert. **Hegelianismo**. Petrópolis: Vozes, 2017.

ZOGLAUTER, Thomas. **Constructed Truths: truth and knowledge in a post-truth world**. Wiesbaden, Alemanha: Springer Nature, 2023.